

Sexta-feira Santa (03/04/2026)

A luz da Cruz

Ao longo da minha vida, várias pessoas já me disseram: “o que se passa contigo? Estás com cara de Sexta-feira Santa.” E talvez não seja apenas uma expressão – mas o reconhecimento de que há momentos em que o nosso rosto escorre sofrimento e carrega o peso invisível da existência. Um desses momentos aconteceu dias antes da morte dos meus pais. Algumas pessoas mais próximas perceberam que o meu rosto estava diferente, como se algo em mim já expressasse perda, espanto e pergunta.

De facto, há instantes em que a nossa vida parece tocar aquilo que se vive neste dia: a experiência da finitude, do silêncio, da dor que não se diz totalmente.

E, como sugere Emmanuel Levinas, a morte própria escapa à experiência direta da consciência, permanecendo, de certo modo, inacessível. É, antes, na morte do outro – sobretudo daqueles que nos são mais próximos – que a finitude se torna verdadeiramente pensável e vivida. É aí que a finitude se torna concreta – no romper dos laços, na ausência que se anuncia, na fragilidade que se revela.

Paul Ricoeur fala da “tristeza do finito”. Saber que um dia deixaremos de existir, que as nossas conquistas se dissiparão na bruma da memória e que seremos despojados de tudo o que possuímos não pode deixar de suscitar uma tristeza profunda. Quem contempla a vida a partir da consciência da finitude dificilmente escapa à tonalidade de abandono e de solidão.

Muitas vezes, o nosso rosto torna-se expressão de um silêncio profundo – um silêncio que revela a incapacidade de comunicar plenamente aos outros aquilo que nos habita interiormente; um silêncio que nasce também da incompreensão alheia; e, talvez sobretudo, um silêncio que se adensa quando o divino se oculta e o céu parece tornar-se «planícies de silêncio», nas palavras de Sophia de Mello Breyner.

Quantas vezes brota do nosso coração, diante das dificuldades, um lamento marcado pelo aparente silêncio de Deus: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” ou: “Por que permites que isto me aconteça?”

Outras vezes o nosso rosto deixa-se escrever pelos sinais do sofrimento – físico e psíquico. As doenças e as fragilidades inscrevem-se no olhar, tornando-o mais pesado, mais denso, como se cada gesto trouxesse consigo o cansaço do corpo.

Há um outro tipo de sofrimento que também toca bem fundo: o da separação, da rutura, do abandono — aquele que quase nos rouba o sentido da vida. É uma dor silenciosa, que não grita, mas permanece.

E ainda existem umas dores bem difíceis de suportar: não poder aliviar o sofrimento daqueles que nos são mais próximos, permanecer junto deles com o coração exposto, mas impotente, carregando em si uma dor que não pode curar.

São numerosos os sinais de que a existência humana se configura, muitas vezes, como uma prolongada Sexta-feira Santa. Por isso, a celebração de hoje toca profundamente o coração de cada um de nós: nela não se atualiza apenas a paixão do Senhor, mas também, à sua luz, a nossa própria paixão.

E, no entanto, nós, cristãos, não desanimamos, porque sabemos que a noite não é a última palavra, que a este dia sucede o Domingo de Páscoa.

E assim, também o nosso sofrimento não é estéril: nele, como recorda São Paulo, há uma misteriosa participação na paixão de Cristo, um completar, no amor, aquilo que ainda falta.

Saber que a Sexta-feira Santa é já a véspera da Domingo de Páscoa é pressentir que o sofrimento e a morte não têm a última palavra. Quem caminha sustentado por esta esperança encontra, no meio do peso do presente, uma força que não nasce de si, mas que o sustém.

Ao contemplarmos Jesus Cristo na cruz, descobrimos que não estamos sós na dor: Ele sofre connosco e por nós. E quando alguém sofre na terra, o céu inclina-se em compaixão, como se nele se derramassem lágrimas de amor. Como exprime Sophia de Mello Breyner o homem das dores «certamente morreu. Mas continua connosco ao nosso lado. Pelas ruas».

Saber que, nos momentos mais duros, sentimos o abraço do Redentor é deixar que a esperança habite o coração. Porque sofrer sozinho é sofrer em duplicado; mas encontrar, na própria dor, a presença amiga do divino é um verdadeiro refrigério — uma luz discreta que não elimina a cruz, mas a torna habitável.

E quando as nossas dores se tornam dom, quando se transformam em serviço aos outros, então tudo se transfigura — e aquilo que parecia apenas perda começa, silenciosamente, a tornar-se sentido.

Nesta Sexta-feira Santa, permaneçamos junto à cruz, contemplando Jesus Cristo, que entra na nossa dor e a transfigura em amor. Em Deus, a nossa cruz torna-se luz. *Ámen.*

P. Emanuel Brandão